

Domínios de recursividade na morfologia avaliativa do português brasileiro

Recursive domains in Brazilian Portuguese evaluative morphology.

César Elidio Marangoni Junior¹, Beatrice Nascimento Monteiro²

Universidade de São Paulo, Universidade Estadual do Piauí

RESUMO

Neste artigo, investigamos dados de morfologia avaliativa recursiva no português brasileiro (livr-equ-inh-o, film-ão-zaç-o), retirados da rede social X, de modo a observarmos, de maneira geral, quais interações semântico-pragmáticas e morfofonológicas são possíveis nesses casos e, de maneira específica, qual tipo de leitura semântica e quais expoentes formais são passíveis de ocorrer em posições mais externas. Após o levantamento e a análise de dados com formas de diminutivo (-uch, -ec e -(z)inh) e com formas de aumentativo (-(z)aç e -(z)ão), nós pudemos observar que: a) semanticamente, enquanto as posições internas podem contribuir com leituras semântico-pragmáticas diferentes, as posições mais externas contribuem com um significado de intensidade que tem escopo sobre a avaliação anterior; b) morfofonologicamente, o sufixo -(z)inh ocupa a posição mais externa em contextos de diminutivo, enquanto, para os aumentativos, a ordem entre -(z)aç e -(z)ão é variável.

PALAVRAS-CHAVE:

Morfologia avaliativa 1. Recursividade 2. Morfopragmática 3. Ordem de afixos 4. Morfofonologia 5.

ABSTRACT

In this paper, we investigate Brazilian Portuguese data which show recursive evaluative morphology (livr-equ-inh-o, film-ão-zaç-o) collected from the social media X to consider, in broad terms, which semantic-pragmatic and morphophonological interactions are possible in these cases and, in more specific terms, which semantic meaning and which formal exponents can occur in external positions. After collecting and analyzing relevant data with diminutive forms (-uch, -ec and -(z)inh) and with augmentative forms (-(z)aç and -(z)ão), we could observe that: a) semantically, although internal positions can contribute with different semantic-pragmatic meanings, the external positions can only contribute with an intensive meaning which has semantic scope regarding the previous evaluation; b) morphophonologically, the -(z)inh suffix occupies the most external position in diminutive recursive contexts, while the order between the suffixes -(z)aç and -(z)ão is variable in augmentative recursive contexts.

KEYWORDS:

Evaluative Morphology 1. Recursiveness 2. Morphopragmatics 3. Affix Order 4. Morphophonology 5.

Recebido em: 16/08/2024

Aceito em: 12/12/2024

¹ E-mail: cesar.marangoni@usp.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8228-3678>.

² E-mail: beatricenascimento@frn.uespi.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9180-886X>.

1. Introdução

Desde o trabalho seminal de Scalise (1984), os estudos morfológicos passaram a focalizar a morfologia avaliativa, seja em termos mais gerais, seja em termos mais específicos. Em termos gerais, os estudos buscam conceituar o que é morfologia avaliativa e depreender quais características uma dada construção linguística precisa apresentar para ser rotulada como avaliativa, discutindo, principalmente, se as características levantadas permitem aproximar ou distanciar esse tipo de morfologia dos processos de derivação e de flexão. Em termos mais específicos, os estudos voltam-se especialmente para a descrição e análise de dados de diminutivo e aumentativo de forma a depreender suas características formais³ e semânticas.

Todavia, conforme apontam Grandi e Körtvélyessy (2015), uma pesquisa mais aprofundada acerca da literatura existente sobre morfologia avaliativa revela uma carência em termos de unificação descritiva e teórica, o que se dá devido a três fatores principais: a falta de uma definição consensual do que é morfologia avaliativa, o enfoque em tentar situar a morfologia avaliativa no cerne da dicotomia flexão *versus* derivação e a não consideração da dimensão pragmática em grande parte das análises linguísticas anteriores. No que diz respeito especificamente ao português brasileiro (daqui em diante, PB), podemos adicionar a esses fatores o fato de que as análises empíricas dão protagonismo à análise de casos discretos das formas mais prototípicas de diminutivos e aumentativos - -(z)inh e -(z)ão, respectivamente -, deixando-se em segundo plano outras formas de realização - por exemplo, -uch, -ec, -ol e -uc, para o diminutivo; -(z)aç para o aumentativo - bem como as interações possíveis entre as formas de diminutivo e de aumentativo. Em (1), apresentamos dados de morfologia avaliativa no PB classificados de acordo com o rótulo avaliativo geralmente associado a cada um deles – diminutivo *versus* aumentativo –, o que evidencia a variedade de realizações formais que este tipo de morfologia pode apresentar.

(1) Morfologia avaliativa em PB

- a. Diminutivos: carr-**inh**-o, flor-**zinh**-a, fof-**uch**-o, jornal-**ec**-o, radi-**ol**-a, mot-**oc**-a, feij-**uc**-a, mam-**usc**-a, namor-**ic**-o, cerveij-**ot**-a, gent-**alh**-a;
- b. Aumentativos: carr-**ão**, casal-**zão**, music-**on**-a, pont-**aç**-o, ranç-**ud**-o, chiqu-

³ Neste artigo, utilizamos o termo ‘formal’ para nos referirmos a questões que dizem respeito à estrutura (aspectos morfológicos e fonológicos), em oposição a questões que dizem respeito ao significado de um dado elemento linguístico.

érrim-o, riqu-íssim-o;

- c. Recursiva: pequen-**in-inh-o**, fof-**uch-inh-o**, jornal-**equ-inh-o**, carr-**ão-zão**, pont-**aç-o-zão**, film-**ão-zaç-o**, ranç-**ud-ão**

Diante desse cenário, este trabalho aborda as interações possíveis entre formas avaliativas, apresentadas em (1c), de forma a descrever como se dá a recursividade no cerne da morfologia avaliativa e se tal comportamento obedece a algum tipo de princípio ordenador, considerando aspectos formais e semânticos. Apesar de a recursividade ser uma característica bastante reportada em estudos sobre morfologia avaliativa (cf. Scalise, 1984; Stump, 1993; Villalva, 2000; Grandi, 2015; Armelin, 2015), a questão da interação semântico-pragmática e formal existente nesses casos ainda não foi suficientemente sistematizada, especialmente no que se refere aos dados do PB. Ainda, acreditamos que a análise da recursividade pode abrir novos horizontes na pesquisa morfológica sobre diminutivos e aumentativos ao mostrar os possíveis valores semântico-pragmáticos que eles podem assumir e quais ordens lineares são possíveis entre afixos semanticamente semelhantes.

Inicialmente, para analisarmos mais detalhadamente as interações recursivas possíveis no âmbito da morfologia avaliativa, é necessário assumirmos uma definição específica de morfologia avaliativa. Consideramos que a natureza da morfologia avaliativa só pode ser explicada caso se adote um método que seja capaz de integrar o nível formal aos níveis semântico e pragmático, assumindo, com base em Grandi e Körtvélyessy (2015), que a morfologia avaliativa diz respeito à união entre um aspecto semântico-pragmático - relacionado à atribuição de um valor a um objeto, evento ou pessoa que é diferente do valor padrão assumido na escala semântica relevante para interpretação - e um aspecto formal - a adição de uma marca avaliativa a uma base lexicalmente reconhecida pelos falantes.

No que se refere aos aspectos formais, os estudos sobre morfologia avaliativa comumente focalizam realizações afixais discretas, sobretudo sufixos - principalmente, diminutivos e aumentativos - que funcionam como o expoente da avaliação. Neste artigo, entretanto, assumimos uma visão mais ampla da forma que a avaliação pode assumir, a qual defende que a contraparte formal da morfologia avaliativa pode ser dada pelos seguintes mecanismos formais: sufixos, prefixos, interfixos, reduplicações, formas truncadas, fusões vocabulares, formativos, prefixóides, sufixóides e formas analíticas (cf. Merlini Barbaresi, 2015; Scher e Marangoni Junior, 2020; Marangoni Junior, 2022). Nessa perspectiva, a exponência, isto é, a relação entre uma

informação morfossintático-semântica e uma informação fonológica, pode ser determinada por meio de diferentes valores formais/fonológicos - seus expoentes. Para os fins deste artigo, nos detemos nas realizações sufixais que o PB apresenta como estratégias formais possíveis para a realização da avaliação.

Em termos de significado, assumimos que a morfologia avaliativa pode ser mais bem compreendida a partir de uma perspectiva bidimensional da semântica, envolvendo, por um lado, uma dimensão relacionada ao conteúdo descritivo, que descreve algo sobre o mundo (ou sobre mundos possíveis), a dimensão descritiva ou veri-condicional; e, por outro lado, a expressão de uma avaliação subjetiva por parte do falante a respeito de algo, a dimensão expressiva (cf. Potts, 2016), também chamada de conotativa, emotiva ou uso-condicional. Consideramos, ainda, que os efeitos de natureza morfopragmática no uso da morfologia avaliativa são dados pela existência de uma variável morfopragmática na significação (cf. Dressler e Merlini Barbaresi, 1994), mais especificamente, pela alteração da força ilocucionária do ato de fala relevante, de forma a se desenvolver efeitos de familiaridade, informalidade, proximidade social, distanciamento, atenuação da força ilocucionária e ironia, por exemplo.

Nesse cenário, nosso objetivo neste artigo é, a partir de dados empíricos coletados a partir da rede social X (antigo Twitter), investigar como se dá a interação entre marcas avaliativas em contextos recursivos, o que é feito tanto em termos de interações semântico-pragmáticas possíveis em tais contextos quanto em termos de interações formais possíveis em tais contextos. Aqui, assumimos a gramaticalidade da morfologia avaliativa, ao passo que ela envolve a utilização de mecanismos formais específicos - sufixos e formas truncadas, por exemplo - para fins de veicular a perspectiva do falante sobre determinada pessoa, evento ou objeto.

Com base nessa sistematização do que é morfologia avaliativa e de quais características formais ela pode apresentar, este trabalho busca responder aos seguintes questionamentos:

- a) Considerando-se que, segundo aponta a literatura sobre o tema, diminutivos e aumentativos podem veicular mais de um significado possível quando constituem a primeira instância de avaliação da estrutura, quais são os valores semântico-pragmáticos que as marcas avaliativas podem exibir nos contextos de recursividade?
 - b) Quais expoentes formais aparecem com mais frequência em ambientes avaliativos recursivos?
-

O artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, trazemos um panorama geral dos valores semântico-pragmáticos possíveis veiculados pela morfologia avaliativa; na seção 3, trazemos um panorama geral do que se entende por recursividade na morfologia avaliativa; na seção 4, analisamos dados relevantes para o artigo com base em critérios semântico-pragmáticos e morfofonológicos e traçamos algumas conclusões preliminares; na seção 5, trazemos uma breve discussão sobre os resultados obtidos na seção 4 junto às considerações finais deste artigo; por fim, elencamos as referências utilizadas no desenvolvimento deste estudo.

2. Morfologia avaliativa entre diferentes dimensões do significado: panorama geral

Na introdução, vimos que a perspectiva de morfologia avaliativa assumida neste trabalho é baseada na união entre dois aspectos: uma condição formal (a construção avaliativa é morfologicamente complexa, formada a partir da adição de uma marca avaliativa) e uma condição semântica (a construção representa um desvio do valor padrão assumido na escala semântica pertinente).

A ideia de desvio de um valor padrão remete a uma natureza escalar da avaliação. Como afirmam Grandi e Kortvelyessy (2015), é possível conceber a morfologia avaliativa em termos de uma escala semântica que envolve um eixo com duas extremidades opostas: um polo negativo e um polo positivo. Os autores diferenciam, então, dois tipos de avaliação: a avaliação descritiva (também identificada como quantitativa) e a avaliação qualitativa.

Em uma avaliação descritiva/quantitativa, a mudança gerada pelo avaliativo em direção à extremidade positiva indica um aumento na posse da propriedade específica indicada, enquanto a mudança em direção à extremidade negativa indica uma diminuição na posse da propriedade indicada. No caso desse tipo de avaliação, a escala remete a um aspecto físico, concreto, como “tamanho”, por exemplo.

Já em uma avaliação qualitativa, a escala se relaciona a emoções, opiniões e crenças expressas pelo falante. Nesse caso, a mudança ocasionada pelo avaliativo se direciona ao polo positivo se a emoção/opinião/crença expressa for positiva; e ao polo negativo, se a emoção/opinião/crença expressa for negativa, considerando a subjetividade do interlocutor.

No entanto, acreditamos que a diferença entre avaliação descritiva e qualitativa não deve ser concebida como uma divisão dicotômica entre um tipo de avaliação inteiramente objetiva e um tipo de avaliação totalmente subjetiva. Como aponta a literatura sobre escalaridade (cf.

Kennedy e McNally, 2005), predicados escalares/graduáveis podem ser absolutos - quando há um parâmetro fixo que não é definido contextualmente, como em “fechado” - ou relativos - quando o parâmetro é definido contextualmente, podendo ser mais ou menos dependente do contexto. A título de ilustração, em um adjetivo como “alto”, tipicamente concebido como sendo escalar/graduável e relativo, embora a escala seja baseada em uma grandeza de natureza física, concreta, isso não significa que a sua interpretação é totalmente objetiva. Essa interpretação é contextualmente definida na medida em que varia a depender de fatores como: o elemento que está sendo modificado (assim, um homem de 1,80 metros é alto para a média de altura do padrão masculino brasileiro, mas não é alto para a média de altura de um jogador de vôlei de alto rendimento, a menos que ele jogue na posição de líbero); o entorno sócio-cultural (o padrão de altura brasileiro é diferente do padrão de altura angolano, por exemplo); entre outros fatores contextuais. Dessa forma, modificações como “muito alto”, “bastante alto” são dependentes de um padrão estabelecido contextualmente - um homem muito alto não equivale necessariamente a um jogador de vôlei muito alto ou a um poste alto, por exemplo. Uma observação análoga pode ser feita para construções avaliativas: um livro de 30 páginas pode ser um “livrão” para uma criança no início de sua vida leitora, mas certamente não o é para um adulto habituado a leituras mais extensas. Porém, ainda há um parâmetro tangível em jogo: dimensão/tamanho.

No entanto, há escalas ainda mais dependentes de fatores contextuais, por serem baseadas em parâmetros bastante subjetivos e abstratos. É o caso de predicados como “bom”, por exemplo. A grandeza “bondade” pode variar de acordo com o elemento que está sendo modificado (o que se espera que caracterize um “bom motorista”, por exemplo, é bem diferente do que se espera que caracterize um “bom marido”), além de essa interpretação ser sensível a parâmetros culturais (certamente, a concepção do que é um “bom marido” varia dependendo do país e da época em que se está inserido) ou mesmo individuais (o parâmetro do que caracteriza um “bom marido” também varia de pessoa para pessoa). Isso também pode ser percebido nas construções avaliativas: a concepção do que é um “maridão” (no sentido de “um bom marido” ou de “um marido por quem se tem afeição”), por exemplo, é bastante subjetiva, revelando um ponto de vista do falante. Assim, consideramos que, seja a avaliação descritiva/quantitativa ou qualitativa, lidamos com questões relacionadas a conhecimento de mundo e relações contextuais. Contudo, a avaliação qualitativa parece ser ainda mais dependente do contexto, e, portanto, de caráter marcadamente expressivo.

As significações associadas à avaliação descritiva/quantitativa, por um lado, e qualitativa,

por outro, podem, ainda, ser vistas como instanciações de protótipos possivelmente universais (cf. Grandi e Körtvelyessi, 2015, com base em Wierzbicka, 1989), relacionadas aos seguintes primitivos semânticos: PEQUENO e GRANDE, na dimensão descritiva/quantitativa; BOM e MAU, na dimensão qualitativa. A partir desses primitivos, é possível depreender quatro significados prototípicos que emergem do cruzamento entre os dois tipos de avaliação (descritiva/quantitativa e qualitativa) e os dois polos da escala semântica (positivo e negativo): aumentativos prototípicos, diminutivos prototípicos, pejorativos prototípicos e melhorativos prototípicos.

Para dar conta dos diferentes valores semânticos que podem ser veiculados por morfemas avaliativos, consideramos, neste trabalho, a existência de duas dimensões do significado: a dimensão descritiva e a dimensão expressiva. A sistematização da distinção entre expressões descritivas e expressivas foi originalmente traçada por Kaplan (2004 [1994]). No entanto, estudos posteriores como o de McReady (2010) discutem o fato de que a mesma expressão pode veicular tanto conteúdo descritivo quanto expressivo, apontando para a existência de expressões mistas. Assim, as línguas podem apresentar: (i) expressões que possuem apenas conteúdo descritivo (por exemplo, nomes como “João” e “cidade”); (ii) expressões que possuem apenas conteúdo expressivo (por exemplo, interjeições como “eita” e “putz”); (iii) expressões mistas, que possuem tanto conteúdo descritivo quanto expressivo (por exemplo, uma expressão como “noiado” para se referir a um usuário de drogas – a expressão tanto denota uma entidade quanto expressa um posicionamento avaliativo do falante). Em nossa análise, verificamos que os avaliativos podem estar associados somente ao conteúdo descritivo, somente ao conteúdo expressivo ou a ambos.

Além do domínio morfossemântico, interessa-nos também aquele que se refere ao efeito discursivo gerado pela adição do avaliativo. Neste trabalho, denominamos esse domínio de morfopragmático, com base na proposta morfopragmática de Dressler e Merlini Barbaresi (1994). Para os autores, estamos diante de um fenômeno morfopragmático quando há uma variável pragmática que não pode ser suprimida na descrição do significado gerado. Em uma análise morfopragmática, busca-se analisar os significados pragmáticos dos efeitos produzidos ao se passar do *input* para o *output* em processos de derivação ou flexão. Nesses casos, consideramos que se faz relevante levar em consideração a alteração da força ilocucionária envolvida no ato de fala. Merlini Barbaresi (2005) aponta diferentes possibilidades de efeitos pragmáticos gerados pelo uso de morfemas aumentativos e diminutivos: ironia, sarcasmo, falsa modéstia, atenuação/eufemismo, entre outros.

Para abordar os diferentes domínios de significação que podem estar envolvidos no uso da

morfologia avaliativa, apresentamos um exemplo em (2).

- (2) “Meu Jesus amado tanta gente burra falando em relação ao carnaval ,umas das épocas que gasta milhões e milhões e mesmo que tenha turismo nessa data o gasto pra custear essa “**festinhazinha**” é bem maior e ainda por cima fere os preceitos de Deus”⁴
(Disponível em: <https://x.com/mathcl6/status/1352432472290598915>)

No exemplo, é possível associar tanto um conteúdo descritivo a “festinhazinha” (algo que pode ser parafraseado como “uma festa bastante pequena”) quanto um conteúdo expressivo (a expressão de um ponto de vista subjetivo por parte do falante). Além disso, há um efeito pragmático desencadeado a partir do uso do avaliativo, pois o contexto permite a inferência de que não se trata literalmente de uma festa pequena, e sim de uma festa de grandes proporções, visto que a comemoração em questão é o carnaval, a maior festa popular do Brasil. Assim, a observação do contexto permite identificar um efeito pragmático de ironia, em que o falante expressa, através de uma implicatura conversacional, o oposto do que ele expressou formalmente pela denotação de uma festa muito pequena (o que é sinalizado, inclusive, pelo uso das aspas). Assim, é possível identificar diferentes dimensões de significação no uso da morfologia avaliativa.

Na seção 4, investigamos com mais detalhes como esses valores semânticos (descritivo e expressivo) e efeitos pragmáticos aparecem em dados do português brasileiro (PB). Antes, porém, consideramos que é importante definir o que entendemos por morfologia avaliativa recursiva e como a literatura morfológica tem abordado esse comportamento morfológico específico.

3. Morfologia avaliativa e recursividade: panorama geral

No cerne da morfologia avaliativa, desde que ela surgiu como uma subárea independente dos estudos morfológicos, a recursividade é apontada como uma de suas características principais. Scalise (1984) e Stump (1993), por exemplo, destacam a possibilidade de os chamados afixos expressivos do italiano apresentarem recursividade em duas das características que eles enumeram em relação a tais afixos. A primeira delas diz respeito à possibilidade de haver uma aplicação consecutiva de regras do mesmo tipo, criando-se palavras novas e possíveis a cada estágio de aplicação: *fuoco* ‘fogo’ > *fuoch-erello* ‘fogo pequeno’ > *fuoch-erell-ino* ‘fogo

⁴ Neste artigo, optamos por reproduzir integralmente os tweets utilizados na pesquisa, exatamente da forma como eles foram originalmente escritos.

pequenininho’ – para o PB, podemos citar “fofo” > “fof-**ucho**” > “fof-**uch-inho**” e “jogo” > jog-**ão**” > “jog-**ão-zaço**”. A segunda delas diz respeito à possibilidade de aplicação da mesma regra em ciclos adjacentes: *car-in-ino* ‘bom + diminutivo + diminutivo’ – para o PB, seria o caso de “pequen-**in-inho**” ou “carr-**ão-zão**”. Neste artigo, utilizamos o termo “recursividade” para nos referirmos à possibilidade de ocorrência de mais de um sufixo avaliativo em uma estrutura no nível da palavra, independentemente do estatuto formal dos sufixos – se são alomorfes (como -inh e -zinh, -ão e -zão) ou se são formalmente distintos (-*(z)inh versus -ec versus -uch*, por exemplo).

O que nos interessa nesta discussão é o fato de que a repetição em si, nas línguas românicas, é significativa: ao contrário do que acontece no domínio flexional e derivacional, a repetição, no domínio avaliativo, não causa redundância. Conforme aponta Fortin (2011), os sufixos avaliativos podem ser repetidos e o efeito é o de intensificação semântica, o que os aproxima dos expressivos (Potts, 2007): um sufixo diminutivo ou aumentativo pode se concatenar várias vezes a um predicado gradual e o efeito atingido é o de intensificação do significado da base; a única condição que a recursividade deve respeitar é a de que exista uma situação no mundo em que tal estado de intensificação (seja de afetividade ou de pejoratividade, por exemplo) seja apropriado ao sentimento do falante em relação ao significado da base em questão.

Um outro aspecto relevante para a questão da recursividade é a sua contraparte formal, isto é, como se dá a interação entre as diferentes marcas avaliativas possíveis que funcionam como expoentes dos significados avaliativos. Há uma literatura considerável sobre o ordenamento entre afixos e sobre a existência ou não de princípios que regem esse ordenamento. Manova e Aronoff (2010) e Manova (2023) defendem que o ordenamento entre afixos pode ser motivado (e, portanto, regido por regras) ou não motivado (e, portanto, listado e aprendido caso a caso). Segundo os autores, para as ordens motivadas entre afixos, tal motivação pode ser gramatical ou extragramatical. O primeiro tipo de motivação se dá quando princípios gramaticais regem a organização dos afixos na língua, sendo que tais princípios podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos. O segundo tipo de motivação, por sua vez, diz respeito a ordenamentos que levam em conta informações de natureza estatística, psicolinguística, cognitiva, pragmática, psicológica ou temporal. As ordens não motivadas, por outro lado, abrem margem para duas possibilidades diferentes: a) ordenamentos templáticos: são inexplicáveis, mas ordenados, isto é, há uma ordem de posições a serem preenchidas e as formas relevantes devem preencher tais espaços destinados a elas; b) ordenamentos arbitrários: nem ordenados nem explicáveis, de forma que não há um sistema possível que dê conta das formas pelas quais um afixo se combina

com outro em uma determinada língua.

Olhando especificamente para os casos de recursividade no domínio dos diminutivos, Manova e Winternitz (2011) mostram que as formações com dois ou mais diminutivos em búlgaro e polonês estão restritas por condições fonológicas, morfológicas e psicolinguísticas. Por exemplo, no polonês, geralmente, a terminação fonológica da base indica qual forma de diminutivo deve ser escolhida. Em casos em que há duas formas de diminutivo em uma mesma palavra, há uma tendência de que os sufixos diminutivos mais produtivos da língua sejam utilizados na segunda posição, de forma que apenas três entre os dez diminutivos que podem ocupar a primeira posição de diminutivo são usados de maneira produtiva na segunda posição. Algo parecido acontece para o búlgaro, apesar de a língua ser mais permissiva em termos de recursividade do diminutivo, permitindo, inclusive, construções com três marcas de diminutivo. Segundo as autoras, para ambas as línguas, de todas as restrições, a restrição morfológica de ordenamento fixo parece ser mais poderosa, uma vez que, se o falante sabe quais são as combinações fixas que ocorrem em diminutivos duplos ou em diminutivos múltiplos, ele sempre produzirá (pelo menos potencialmente) os diminutivos apropriados. Nesse sentido, sempre que uma regra morfológica se aplica, o segundo sufixo diminutivo e o terceiro sufixo diminutivo selecionados devem rimar com a base (restrição fonológica) e devem ser produtivos (restrição psicolinguística), respectivamente.

Em termos formais, nossa proposta assume que a interação entre as marcas avaliativas formais é, de certo modo, arbitrária, havendo apenas tendências bem definidas de combinações entre expoentes e não uma correlação determinística entre valor semântico e um expoente fonológico específico. Na próxima seção, observamos casos empíricos que mostram diferentes ordenamentos formais entre os expoentes avaliativos e defendemos que esse ordenamento parece ser, muitas vezes, convencionalizado: há um molde morfológico convencionalizado que fixa as ordens possíveis entre expoentes avaliativos que participam de construções avaliativas recursivas, levando-se em consideração, no caso dos diminutivos, a produtividade dos sufixos em si, enquanto, no caso dos aumentativos, a ordem parece ser totalmente convencionalizada, visto que não reflete o uso do aumentativo mais prototípico nas posições externas e visto que apresenta maior variação nas ordens possíveis.

4. Análise de dados: interações semântico-pragmáticas e morfofonológicas

Nesta seção, apresentamos uma descrição inicial de dados de morfologia avaliativa recursiva com base em critérios semântico-pragmáticos e morfofonológicos. Os dados foram

coletados a partir da rede social X (antigo Twitter)⁵ e, sempre que possível, optamos por dados em que a análise da significação expressa pôde ser inferida com base no contexto a partir da observação do próprio enunciado em que o avaliativo é utilizado; além disso, optamos por dados que mostrem explicitamente as interações recursivas tanto em termos de significado quanto em termos de forma. Para cada seção, trazemos os dados relevantes e os analisamos com base em suas informações semântico-pragmáticas e morfofonológicas, nessa ordem. Nesse sentido, acreditamos que a seleção dos mesmos dados para ambas as análises permite, num último momento, uma comparação entre os resultados, de modo a se determinar se há alguma correlação possível entre valor semântico-pragmático e forma fonológica escolhida.

Além disso, fizemos um recorte específico em termos de quais expoentes formais da avaliação foram selecionados e em termos de quais radicais morfológicos são relevantes para a nossa análise de dados, de modo a se obter, com este último recorte, um parâmetro mais unificado para comparação. Em termos dos expoentes formais escolhidos, para os aumentativos, selecionamos os sufixos aumentativos considerados mais produtivos no PB, *-(z)ão*, além do sufixo *-(z)aç*, enquanto, para os diminutivos, selecionamos os sufixos diminutivos considerados mais produtivos no PB, *-(z)inh*, além dos sufixos *-uch* e *-ec*; optamos por escolher os sufixos *-(z)aç*, *-uch* e *-ec* para fins de comparação justamente porque, numa busca inicial por formas com sufixos diminutivos e aumentativos no X, tais formas se mostraram mais recorrentes do que as demais possibilidades (como *-ic*, *-oc*, *-ol*, *-ud*, *-érrim*, *-íssim* e *-ot*, por exemplo), principalmente quando levamos em conta os contextos de recursividade avaliativa.

Para os fins da nossa análise, consideramos as formas *-inh* e *-zinh* e as formas *-ão* e *-zão* conjuntamente, visto que o foco de nossa análise é antes a recursividade avaliativa em si e não o estatuto morfológico destes sufixos em específico; dessa forma, consideramos que *-inh* e *-zinh*, de um lado, e *-ão* e *-zão*, de outro lado, estão numa relação de alomorfa, sendo a consoante /z/ uma consoante epentética (para uma análise morfofonológica mais completa dessa alternância, cf. Bisol, 2011; Ulrich e Schwindt, 2018).

Nesse cenário, para os casos de aumentativo, os radicais selecionados foram: *HOMEM*, *JOG*, *BEIJ*, *FILM*, *MUSIC*, *GOL*, *CASAL*, *FEST* e *LIVR*. Os critérios utilizados nessa seleção foram: a)

⁵ Na apresentação dos dados retirados do X, optamos por reproduzi-los integralmente e por disponibilizar o endereço eletrônico por meio do qual cada exemplo pode ser acessado. Vale ressaltar que, durante a consulta a tais dados e durante a escrita deste artigo, os perfis responsáveis pelos exemplos constituíam contas abertas e, portanto, os dados se configuram como dados públicos. Agradecemos às editoras deste número pela ajuda nesse ponto do artigo.

radicais que formam nomes com gêneros diferentes (masculinos e femininos); b) radicais que formam nomes com vogais temáticas diferentes (-o, -a, -e e Ø) (Alcântara, 2010); c) radicais que são frequentes em formações com aumentativo na rede social selecionada. Para os casos de diminutivo, selecionamos os seguintes radicais: TIM, JORNAL, FOF, LIVR, FILM, FEST, MENIN, AMOR e TURM. Mais uma vez, optamos por selecionar radicais que deem origem tanto a palavras de gênero masculino quanto feminino e que também tenham valores diferentes para vogal temática. Vale ressaltar que se trata de um conjunto bastante reduzido de radicais, de forma que pretendemos ampliar essa investigação para um número maior de radicais, de contextos discursivos e de *corpora* nos desdobramentos futuros deste projeto.⁶

Em termos semântico-pragmáticos, buscamos descrever quais são os valores semânticos e/ou efeitos pragmáticos expressos pelo acréscimo de avaliativos tanto em uma posição mais interna, quanto em uma posição mais externa, em estruturas recursivas. Pretendemos, assim, responder aos seguintes questionamentos:

- a) É possível associar afixos avaliativos específicos a valores semânticos e/ou efeitos pragmáticos específicos? Quais são eles?
- b) A posição mais interna ou mais externa influencia no valor/efeito expresso?

Já em termos morfofonológicos, investigamos quais combinações entre expoentes são possíveis nos casos de morfologia avaliativa recursiva, de modo a se determinar se é possível prever um molde que caracterize as posições que cada expoente pode ocupar nessas

⁶ Um/a parecerista anônimo/a questiona como se deu a seleção das bases. Segundo ele/ela, “apesar de a estratificação ser um método fiel para mostrar os padrões formais do sistema, a escolha de um número determinado de bases para buscas – e não a seleção a partir da sequência final – pode enviesar os resultados encontrados. Isso é possível no caso de formações com “-aço”, que parecem ser muito utilizadas em campos semânticos mais masculinizados. Assim, a produtividade ou não dos sufixos pode estar limitada nos dados analisados”. Concordamos com ele/ela na questão da limitação apresentada pelo método que escolhemos para a seleção das bases, embora destaques que, no caso do *corpus* utilizado (a rede social X), a busca de dados pela sequência final -aço não se mostra viável por limitações da plataforma em si. Todavia, discordamos dele/dela sobre o fato de as formações com -aço serem mais utilizadas em “campos semânticos mais masculinizados”, por dois motivos principais: a) a caracterização do campo semântico enquanto “masculinizado” carece de precisão e de critérios objetivos que permitam tal classificação; b) nossa investigação aponta que o sufixo -aç é frequentemente concatenado a radicais de campos semânticos diferentes, sendo utilizado por perfis diferentes da rede social em questão.

configurações. Mais especificamente, a análise morfofonológica busca responder às seguintes questões:

- a) Em contextos recursivos, os sufixos que ocupam as posições mais externas são aqueles considerados os sufixos mais produtivos da língua *-(z)inh* e *-(z)ão*?
- b) Discriminando-se o primeiro expoente de uma dada construção avaliativa recursiva, é possível prever qual(is) expoente(s) deve(m) ocupar a segunda posição?

4.1 Molde [[RADICAL] EVAL₁]⁷

Primeiramente, discorreremos sobre casos com estrutura [[RADICAL] EVAL₁], ou seja, casos de estruturas não recursivas, nas quais o avaliativo encontra-se em posição mais interna, modificando diretamente um radical que ainda não sofreu modificação por um determinado afixo. Abordamos, inicialmente, aspectos semântico-pragmáticos dessa combinação para, em seguida, tratar de aspectos morfofonológicos.

4.1.1 Aspectos semântico-pragmáticos

Os dados evidenciam a concepção que assumimos em relação à semântica dos avaliativos, isto é, de que a contribuição semântica desses afixos constitui um desvio de um valor padrão em uma escala semântica, seja em termos quantitativos seja em termos qualitativos. Esse padrão, como apontam estudos sobre predicados escalares relativos (cf. Kennedy e McNally, 2005), é estabelecido contextualmente e se correlaciona a noções culturais e de natureza subjetiva.

4.1.1.1 Sufixos geralmente considerados como aumentativos

Para o sufixo *-(z)ão*, a semântica do aumentativo pode estar associada tanto a uma escala semântica quantitativa, relacionada à altura/tamanho, como se percebe em (3), quanto a uma escala qualitativa, estabelecida a partir de um juízo de valor explicitado pelo falante, como se constata tanto em (3) quanto em (4)

(3) “dois **homão** de 2 metros eliminando um abusador”⁸

⁷ Neste artigo, utilizamos EVAL para nos referir à posição ocupada por um sufixo avaliativo, independentemente de sua forma.

⁸ Neste artigo, optamos por reproduzir integralmente os tweets utilizados na pesquisa, exatamente

(Disponível em: <https://twitter.com/stargirlybella/status/1820184780928954685>)

(4) “Sem falar que o cara escolheu um esporte que não tem tradição no Brasil, fala VÁRIOS idiomas e ainda namora a Bruna Takahashi. Todas atitudes de **HOMÃO**”

(Disponível em: <https://twitter.com/Tinysmallkid/status/1820081484058837388>)

Em (3), há tanto uma modificação relativa ao conteúdo descritivo, denotando que se trata de homens grandes, o que é indicado pela referência à altura deles, quanto ao conteúdo expressivo, estabelecendo um ponto de vista subjetivo que aponta para uma avaliação positiva (no *tweet* original, esse conteúdo expressivo é reforçado pelo uso de emojis). Já em (4), o conteúdo conotado é puramente expressivo. Há uma conotação subjetiva que se relaciona a um conjunto de atitudes que a falante julga positivamente: a escolha do esporte que o homem pratica, o fato de ser poliglota, a pessoa com quem ele namora.

Através dos dados, constatamos que a tendência é que os sufixos *-(z)ão* sejam utilizados majoritariamente em escalas qualitativas, com os casos de escala quantitativa sendo mais raros. Isso pode ser consequência do fato de que a emergência de uma escala quantitativa requer que se esteja diante de radicais que designam seres/objetos concretos e delimitados espacialmente, o que se pode aplicar a radicais como *HOMEM*, mas não a adjetivos como *BONIT* ou nomes abstratos como *AMOR*. Para esses casos, a escala tende a ser qualitativa (e não quantitativa), e a interação com o radical conduz a uma leitura preferencial de intensificação.

Ainda sobre a interação entre aumentativo e radical, é preciso levar em conta que, a depender da semântica deste, a escala quantitativa pode ser estendida em diferentes campos semânticos, de modo que o conteúdo descritivo adicionado não será interpretado exatamente do mesmo modo. Assim, em uma frase como (5), a leitura quantitativa é dimensionada em termos de dimensão temporal devido à semântica do radical (uma música é delimitada temporalmente, e não espacialmente). No caso de *Faroeste Caboclo*, tem-se uma música considerada longa ao se tomar como parâmetro os padrões de duração mais comuns. Além disso, o exemplo em (5) indica a tendência observada anteriormente de que o *-(z)ão* aparece mais frequentemente com leitura qualitativa; nesse caso em específico, o uso de “literalmente” desambigua a leitura do aumentativo, mostrando que o falante diz respeito à avaliação quantitativa, deixando claro que essa leitura parecer ser mais marcada do que a qualitativa.

da forma como eles foram originalmente escritos.

(5) “escutando faroeste caboclo do legião urbana, **musicão** literalmente”

(Disponível em: <https://twitter.com/maandyf/status/6702813176>)

Temos ainda os casos que Morzycki (2009) denomina como sendo de leitura abstrata de tamanho, como em “problemão”, em que o uso do aumentativo provoca uma leitura de tamanho, porém, compreendido de forma abstrata.

A maior parte dos casos com -(z)ão, contudo, introduz uma escala qualitativa, com preferência para o valor melhorativo, como exemplificado em (6), em que a falante expressa uma avaliação subjetiva de natureza positiva do casal, com base em características físicas e comportamentais. Nesse caso, o conteúdo semântico relacionado ao uso do avaliativo é expressivo, indicando um ponto de vista subjetivo da falante.

(6) “A Simone Biles tem um marido incrível, em todos os aspectos. Além de lindo e gostoso, aparenta ser super atencioso e dar todo o suporte necessário a ela! **Casalzão**”

(Disponível em: <https://twitter.com/dansanttanx/status/1818081594336313499>)

No caso do sufixo -(z)aç, o uso do aumentativo introduzindo escalas quantitativas é ainda mais raro do que com o sufixo -(z)ão. No caso em (7), é possível tanto associar o uso do aumentativo a um conteúdo descritivo (algo como “uma grande festa”) quanto a um conteúdo expressivo, indicando uma avaliação positiva da falante.

(7) “Recebi vídeos dos meus pais numa **festaça** ontem enquanto eu tava enrolada no edredom em casa e é isso aí, a gente cria os pais pro mundo mesmo”

(Disponível em: https://twitter.com/Evil_The_/status/1660277166272126979)

A maioria dos casos, contudo, é de uso do -(z)aç conotando conteúdo expressivo, como em (8), em que também é possível identificar um conteúdo expressivo em “Mengão”.

(8) “Foi com raça, amor, paixão e um **golaço** de Diego! 1x0 Mengão”

(Disponível em: <https://twitter.com/Flamengo/status/900547467841765376>)

Em (9), é possível associar o uso tanto de -(z)ão quanto de -(z)aç a um conteúdo descritivo e a um conteúdo expressivo. Em termos de conteúdo descritivo, -(z)ão e -(z)aç funcionam semanticamente como intensificadores (algo que poderia ser parafraseado com o significado próximo ao de “muito” ou “bastante” – “muito feio”, “bastante feio”). Já na dimensão expressiva, o uso desses sufixos denota uma posição subjetiva do falante em relação à situação comentada.

(9) “Acho **feião** isso aqui. O cara não é cantor, nunca se propôs a ser, então é **feiço** você debochar dele cantando só por ser cantora.”

(Disponível em: <https://twitter.com/zabelices2/status/1757078960372867076>)

Vale ressaltar, contudo, que, em casos de avaliação pejorativa pelo exagero de uma determinada característica, seja física (por exemplo, “testão” e “cabeção”), seja comportamental, pela iteração de atitudes (por exemplo, “reclamão” e “chorão”), o aumentativo é formado com -ão e não com -aç, o que pode ser uma evidência de que o significado de -aç está se especializando para uma leitura qualitativa, e não quantitativa.

4.1.1.2 Sufixos geralmente considerados como diminutivos

Para o sufixo -(z)inh, a semântica do diminutivo pode estar associada tanto ao conteúdo descritivo quanto ao conteúdo expressivo, como podemos observar em (10) e (11).

(10) “Terminei. **Livrinho** espetacular. **Livrinho** só pelo tamanho: 200 pgs. cravadas...”

(Disponível em: <https://twitter.com/osescapistas/status/1725092847374754083>)

(11) “Infelizmente tenho que dormir, mas pensa em **livrinho** bom pra porra, esse livro é “Opostas em guerra”, terminarei mais tarde 🙄”

(Disponível em: <https://twitter.com/bppsi/status/1820014155329397119>)

Em (10), como o falante indicia, o uso do diminutivo está associado ao conteúdo descritivo, em referência ao tamanho do livro, algo parafraseável como “pequeno livro”. Já em (11), o uso de -inho está associado à expressão de um conteúdo expressivo, conotando o posicionamento subjetivo do falante a respeito do livro.

Assim como constatado com os aumentativos, a tendência dos casos com -(z)inh parece ser

a de expressar, na maior parte dos casos, avaliação qualitativa. Os casos encontrados no X com esses sufixos apontaram para dois tipos de avaliação qualitativa: apreciativa, como em (12), expressando afeto pela entidade designada pelo radical; e depreciativa/pejorativa como em (13), expressando depreciação/desprezo pela entidade designada pelo radical.

(12) “Domingo da vontade de ter um **amorzinho** pra ficar deitado na cama de perna cruzada assistindo um **filminho** gostoso até a hora que você percebe que um dormiu...”

(Disponível em: <https://twitter.com/matheus/status/1792247130574188793>)

(13) “eileen foi o segundo filme que vir esse ano e que **filminho** ruim, única coisa boa nele é Anne Hathaway no elenco”

(Disponível em: <https://twitter.com/snowbrokly/status/1758707916096311519>)

Nos exemplos com -(z)inh, como os apresentados em (12) e (13), frequentemente o conteúdo é exclusivamente expressivo, não havendo conteúdo descritivo associado ao uso do diminutivo.

Já os sufixos -ec e -uch demonstram um valor semântico bem mais especializado. Os dados indicam que esses afixos são utilizados para expressar avaliação qualitativa (e não quantitativa), como demonstrado em (14), (15) e (16).

(14) “meu pai é mto **fofucho**, smp fica me esperando na rodoviária até meu ônibus sair”

(Disponível em: <https://twitter.com/bapinhaa/status/1820217560702279931>)

(15) “Esse **timeco** já deveria ter caído para a segunda divisão há muito tempo!”

(Disponível em: https://twitter.com/enezio_e/status/1820237656820748783)

(16) “Eu amo minha mulher, amo cada momento que temos juntocas tudo é incrível. te amo com todo meu amor **amoreco!!!**”

(Disponível em: <https://twitter.com/eugabicarmona/status/1820229395035869421>)

O sufixo -uch parece estar se especializando para avaliações qualitativas de natureza melhorativa/apreciativa, como demonstra (14). Já o sufixo -ec, embora frequentemente utilizado

para indicar avaliações pejorativas, como no exemplo de (15), também é utilizado, com menor frequência, para indicar avaliação melhorativa/apreciativa, indicando afeto, como em (16). Nos três casos, o conteúdo associado ao uso dos avaliativos é de natureza expressiva, e não descritiva.

Quanto à dimensão pragmática, é possível afirmar que tanto diminutivos quanto aumentativos apresentam efeitos pragmáticos, podendo ocasionar alterações na força ilocucionária do ato de fala, como podemos observar em (17), (18) e (19).

(17) Sim baita **filmão** quase a altura de Cinderela Baiana e Inspetor Faustão e o Mallandro

(Disponível em: <https://twitter.com/MorganaNyyx/status/1820088731845427372>)

(18) A **turminha** deles é sempre assim

Atacam a pessoa mais nunca os argumentos, alimentam a massa burra q vem aqui encher o saco

(Disponível em: https://twitter.com/search?q=turminha&src=typed_query&f=live)

(19) Se alguém quiser me dar um **livrinho** 😞

(Disponível em: <https://twitter.com/lilexstars/status/1819505510250324078>)

Em (17), enquanto o uso do aumentativo parece conotar um conteúdo expressivo que demarca uma posição positiva do falante em “filmão”, o contexto permite inferir que se trata de um uso irônico (Cinderela Baiana e Inspetor Faustão e o Malandro não tipicamente tidos como “filmões”). Algo análogo acontece em (18), no qual “turminha” parece conotar um conteúdo expressivo que denota afetividade por parte do falante, porém o contexto permite inferir que não se trata de uma relação afetiva, mas de desprezo, e que o uso do diminutivo também desencadeia uma ironia. Em (19), por sua vez, o uso do diminutivo provoca um efeito de atenuação da força ilocucionária do ato de fala em questão: a falante faz um pedido, o qual, porém, é atenuado pelo uso do diminutivo em “livrinho”. Assim, para além do conteúdo expressivo, é possível também, em muitos casos, recuperar efeitos pragmáticos desencadeados pelo uso dos avaliativos.

4.1.2 Aspectos morfofonológicos

Na primeira posição, parece haver uma maior liberdade em termos de qual expoente

avaliativo pode ser usado, de forma que tanto *-(z)inh*, *-uch*, *-ec*, *-(z)ão* e *-(z)aç* podem ocupar tal posição. Isso aponta para uma certa variação livre entre alguns dos sufixos avaliativos: por exemplo, considerando apenas o caso de nomes, podemos perceber tal variação livre quando comparamos formas como “*timinho*”, “*timeco*”, “*timucho*”, “*timão*” e “*timaço*”, por exemplo, que são formadas pela concatenação de um sufixo avaliativo diferente ao mesmo radical nominal TIM, sendo que, em alguns casos, a função semântica atribuída a tais sufixos é a mesma, como é o caso da leitura de pejoratividade possível no par “*timinho*” e “*timeco*”. Todavia, existem certos expoentes avaliativos que selecionam um tipo específico de base: o sufixo *-uch*, por exemplo, apesar de também se concatenar a nomes (por exemplo, *almoçocho* e *feriaducho*), é mais produtivo com adjetivos (*fofucho*, *fofucha*, *linducho* e *linducha*, por exemplo).

4.2 Combinação [[[RADICAL] EVAL₁] EVAL₂]

4.2.1 Aspectos semântico-pragmáticos

A recursividade de sufixos avaliativos é frequente e não gera redundância em termos de significado. Na segunda posição, os sufixos avaliativos parecem funcionar como intensificadores, tomando escopo sobre a avaliação feita pelo primeiro avaliativo utilizado, tanto na recursividade de aumentativos como em (20); quanto no uso recursivo de diminutivos, como em (21).

(20) A criação mais linda que deus fez na terra foi criar esses **homãozão** grandão de um metro e noventa bombadão ui rabalaxuria xerebebe”

(Disponível em: <https://x.com/arteMDNA/status/1661120835464183808>)

(21) “porra +50 conto num **livrinhozinho piquinininho** q le em uma **aulinhazinha** vaga tomem vergonha absurdooo”

(Disponível em: <https://x.com/SUPERMARIOKART/status/1612628574908850176>)

Assim, o acréscimo de um segundo avaliativo não gera redundância, mas também não acrescenta um novo valor. O seu uso intensifica o valor avaliativo já introduzido pelo primeiro avaliativo. Essa é uma característica já prevista para os expressivos segundo Potts (2006), o qual afirma que a repetição, no caso desse tipo de expressão, gera fortalecimento da emoção expressa, e não redundância. No entanto, é interessante perceber que isso ocorre tanto com relação ao

conteúdo expressivo quanto ao conteúdo descritivo dos avaliativos, como podemos notar através dos exemplos apresentados em (22) e (23).

(22) “Meu cunhadinho defendendo meu irmão nas minhas publicações, **casalzaozao**”

(Disponível em: https://x.com/Oldoni_/status/1046242616839426048)

(23) “eu fiz uma **festinhazinha** (minúscula msm) pra comemorar q iamós mudar e planejava fazer o casamento dps mas já foi tanto estresse perdi até a minha amizade mais antiga q eu simplesmente desisti de qlqr ideia de casamento kkkkkkkkkkkkkk”

(Disponível em: <https://x.com/biazmbm/status/1637888195768492034>)

No caso de (22), o conteúdo expressivo referente à avaliação positiva expressa pelo falante em relação ao casal é intensificado em razão da reiteração do avaliativo – o julgamento positivo é reforçado. Já no caso de (23), o conteúdo descritivo referente à denotação de que se trata de uma “festa pequena” é intensificado, podendo-se parafrasear a formação para algo como “uma festa muito pequena” ou “uma festa bastante pequena”, o que também é reforçado pela observação feita pela própria falante no *tweet* de que a festa era “minúscula mesmo”.

4.2.2 Aspectos morfofonológicos

Na segunda posição, por outro lado, os expoentes possíveis são mais limitados.

4.2.2.1 Sufixos geralmente considerados como aumentativos

a) [[[RADICAL] -(z)ão₁] + -(z)ão₂]

Em (24), trazemos uma exemplificação não exaustiva dos dados encontrados no X com formas que apresentam a ordem [-(z)ão + -(z)ão]. Nelas, podemos perceber que essa ordem é bastante produtiva, dada a grande quantidade de ocorrências encontradas para cada um dos radicais relevantes.

Para as formas nominais avaliativas recursivas formadas a partir de radicais nominais temáticos masculinos, representadas por (24a), como jog-o > jog-ão > jog-ão-zão, beij-o > beij-ão > beij-ão-zão, film-e > film-ão > film-ão-zão e temp-o > temp-ão > temp-ão-zão, por exemplo, encontramos mais de 100 ocorrências, o que atesta a sua grande produtividade. Algumas outras

formas como *problem-a* > *problem-ão* > *problem-ão-zão* (27 ocorrências) e *livr-o* > *livr-ão* > *livr-ão-zão* (47 ocorrências) são menos produtivas; não parece haver nenhum condicionamento fonológico nem morfológico atuante nessa diferença. Portanto, consideramos, num primeiro momento, que é possível que essa diferença se dê por conta do radical *PROBLEM* em si já denotar uma certa avaliação e pelo pouco uso da base *LIVR* entre os usuários mais jovens da plataforma em questão.

Para radicais nominais temáticos femininos, representados em (24b), podemos perceber que eles não são tão produtivos quanto as estruturas formadas a partir de radicais nominais masculinos - *músic-a* > *music-ão* > *music-ão-zão* (44 ocorrências) e *fest-a* > *festão* > *fest-ão-zão* (65 ocorrências). O que é interessante em relação aos radicais femininos é que nomes femininos formam aumentativos recursivos mais produtivamente com *-ão* + *-zão* do que com *-ona* + *-zona*, sendo que combinações em que há misturas entre um alomorfe masculino e um feminino não foram encontradas (por exemplo, *music-ão-zon-a*, *music-on-a-zão*, *fest-ão-zon-a*, *fest-on-a-zão*). Isso fica visível quando comparamos, por um lado, a ocorrência das formas com *-ão* + *-zão* trazidas e as ocorrências das formas com *-ona* + *-zona* (14 ocorrências para *fest-on-a-zon-a* e 2 ocorrências para *music-on-a-zon-a*).

Para formas nominais atemáticas como *gol* > *gol-zão* > *gol-zão-zão* (2 ocorrências) e *casal* > *casal-zão* > *casal-zão-zão* (25 ocorrências), representadas por (24c), podemos perceber que a recursividade do sufixo avaliativo *-(z)ão* é menos produtiva que nos demais casos. Isso nos leva a levantar a hipótese de que a motivação para esse comportamento é de cunho fonológico: como, nesses casos, o sufixo apresenta exatamente a mesma forma fonológica – a repetição do alomorfe que apresenta a consoante epentética /z/ -, isso pode limitar a produtividade de tais casos – parece, portanto, um caso de violação do Obligatory Contour Principle (OCP; cf. McCarthy, 1986)⁹, uma vez que se evita a existência de dois elementos morfológicos diferentes que são fonologicamente idênticos em posições adjacentes; evidência adicional para essa hipótese pode

⁹ A existência de algumas ocorrências de *casal-zão-zão* parece apontar para o caráter violável de tal princípio. Aqui, consideramos que a consoante /z/ é epentética e sua aparição serve para satisfazer exigências estruturais (cf. Bisol (2011) para uma análise mais completa desse comportamento fonológico). Conforme veremos nos dados analisados, a consoante epentética em questão aparece, principalmente, para evitar hiatos tanto na primeira quanto na segunda posição – por exemplo, *café-cafezão-cafezinho*, e *música-musicão-musicãozão* – além de aparecer após radicais nominais atemáticos terminados em consoante – por exemplo, *casal-casalzão*, *gol-golzão*. Agradecemos um/a parecerista anônimo/a que nos alertou para a necessidade de explicitarmos esse condicionamento morfofonológico existente no uso de *-(z)ão* e de *-(z)inh*.

ser encontrada quando consideramos que jogo-zão-zão não aparece no X e filme-zão-zão aparece apenas duas vezes.

(24)

- a. jog-o > jog-ão > jog-ão-zão (mais de 100 ocorrências)

“Melhor coisa que fiz foi ter "optado" por rejogar o Zelda antigo em vez de entrar no hype e comprar o novo. Descobrimo tanta coisa legal que tinha passado batido na primeira vez. **Jogãozão**”

(Disponível em: <https://x.com/telux0/status/1670079683654819840>)

- b. músic-a > music-ão > music-ão-zão (44 ocorrências)

“NOSSA LORDE TA VIVAAAAAAA. QUE **MUSICAOZAO** DA PORRAAAAAAAAAAAAAAAAAA”

(Disponível em: <https://x.com/matthnights/status/837462623474044928>)

- c. casal > casal-zão > casal-zão-zão (25 ocorrências)

“Meu cunhadinho defendendo meu irmão nas minhas publicações, **casalzaozao**”

(Disponível em: https://x.com/Oldoni_/status/1046242616839426048)

b) [[[RADICAL] -(z)aç₁] + -(z)aç₂]

Em (25), podemos observar que a combinação [-(z)aç + -(z)aç], apesar de possível no PB e apesar de aparecer em alguns dados, não parece ser tão produtiva na língua. As formas casalzão-(z)aço, temp-aço-(z)aço e fest-aça-(z)aça não foram encontradas no X. Comparando (24) e (25), podemos perceber que a forma -(z)ão é mais produtiva em contextos recursivos em que os sufixos são alomorfes do mesmo morfema. Por exemplo, temos os seguintes resultados: para radicais nominais temáticos masculinos, representados em (25a), beij-o > beij-aç-o > beij-aç-o-aç-o (1 ocorrência), jog-o > jog-aç-o > jog-aç-o-aç-o (78 ocorrências) e film-e > film-aç-o > film-aç-o-aç-o (65 ocorrências); para radicais nominais temáticos femininos, representados em (25b), temos apenas uma ocorrência de music-aç-o-aç-o; para radicais atemáticos, representados em (25c), temos mais de 100 ocorrências para gol > gol-aç-o > gol-aç-o-aç-o.

(25)

- a. jog-o > jog-aç-o > jog-aç-o-aç-o (78 ocorrências)

“Hoje, no Ginásio Rogério Valerim tem a semifinal das semifinais. Às 20h40,

jogaçoço. Não perde, vai lá que a peleja é boa!”

(Disponível em: <https://x.com/Xompi/status/409076236129153024>)

b. músic-a > music-aç-o > music-aç-o-aç-o (1 ocorrência)

“#nowplaying Kings of Leon - Use Somebody << **Musicaçoço!**”

(Disponível em: <https://x.com/brunamatheus/status/10873843133>)

c. gol > gol-aç-o > gol-aç-o-aç-o (mais de 100 ocorrências)

“E a melhor em campo do Grêmio hoje, eleita pela audiência da Taverna, foi a Jéssica Peña, com dois gols, sendo o segundo um **golaçoço**. Parabéns Peña!”

(Disponível em: <https://x.com/tavernatricolor/status/1716190175364087961>)

c) [[[RADICAL] -(z)ão₁] + -(z)aç₂] versus [[[RADICAL] -(z)aç₁] + -(z)ão₂]

Com relação à ordem [-(z)ão + -(z)aç], para radicais nominais temáticos masculinos, representados em (26a), encontramos os seguintes resultados: beij-o > beij-ão > beij-ão-zaç-o (52 ocorrências), jog-o > jog-ão > jog-ão-zaç-o (29 ocorrências), film-e > film-ão > film-ão-zaç-o (8 ocorrências) e temp-o > temp-ão > temp-ão-zaç-o (1 ocorrência).

Para radicais nominais temáticos femininos, representados em (26b), encontramos 8 ocorrências de músic-a > music-ão > music-ão-zaç-o e 3 ocorrências de fest-a > fest-ão > fest-ão-zaç-o. Mais uma vez, podemos perceber que o morfema de aumentativo -(z)ão é mais produtivo que o morfema de aumentativo -(z)on mesmo que o radical nominal porte gênero feminino.

Para radicais nominais atemáticos, representados em (26c), encontramos apenas 2 ocorrências de casal > casal-zão > casal-zão-zaç-o, de forma que os dados com radicais atemáticos não são produtivos nesse tipo de recursividade.

Por fim, as formas gol-zão-zaç-o, livro-zão-zaç-o e pont-ão-zaç-o não foram encontradas no X.

(26)

a. beijo > beij-ão > beij-ão-zaç-o (52 ocorrências)

“O casal pode não ter diálogo. Mas aí vocês falarem que aquele beijo não teve química não faz sentido nenhum. Beijão. Beijaço. **Beijãozaço.**”

(Disponível em: <https://x.com/uailors/status/1225288993526423552>)

b. músic-a > music-ão > music-ão-zaç-o (8 ocorrências)

“eeeu errei quando tentei lhe dar um lar voce gosta do sereno e meu mundo é

pequeno pra lhe segurar **MUSICÃOZAÇO**”

(Disponível em: <https://x.com/zitaellen/status/325734565031317504>)

c. casal > casal-zão > casal-zão-zaç-o (2 ocorrências)

“Seria mesmo **casalzaçozaço**... Não esqueço ela falando quando viu Ele entrando no bbb: é gringo ! É meu ! Kkkkkk”

(Disponível em: <https://x.com/comentalabezita/status/1344355884760256517>)

Quando comparada à primeira combinação, podemos perceber que a combinação [- (z) aç + - (z) ão] tem uma produtividade comparável à ordem anterior, conforme exemplificado em (27). Os resultados encontrados foram os seguintes: music-aç-ão (6 ocorrências), jog-aç-(o)-(z)ão (55 ocorrências), gol-aç-(o)-(z)ão (mais de 100 ocorrências), beij-aç-ão (35 ocorrências), pont-aç-ão (8 ocorrências), temp-aç-ão (8 ocorrências) e livr-aç-ão (2 ocorrências). Exemplos com as formas casal-zaç-(o)-(z)ão, fest-aç-(o)-(z)ão e hom-aç-ão não foram encontrados no X.

(27)

a. jog-o > jog-aç-o > jog-aç-(o)-(z)ão (55 ocorrências)

“Arsenal tem jogado demais nessa temporada. O 2 a 2 com o Liverpool foi um **jogaçozaço** tbm! O que surpreende hj é o Southampton ter jogado como se fosse o City ou Liverpool”

(Disponível em: <https://x.com/cassiano1988/status/1649546232338042880>)

b. film-e > film-aç-o > film-aç-(o)-(z)ão (8 ocorrências)

“acabei de ver #Super8.... **filmaçozaço**.... JJ abrams e spielberg juntos não podia dar outra... um gde sucesso! #recomendadíssimo”

(Disponível em: <https://x.com/wiltonmjr/status/105823147374292992>)

c. gol > gol-aç-o > gol-aç-o-zão (mais de 100 ocorrências)

“**GOLAÇOZAO** DA PORR#”

(Disponível em: https://x.com/joao_vitocr/status/880232501758894086)

A partir desses dados, podemos concluir que as combinações [- (z) aç + - (z) ão] e [- (z) ão + - (z) aç] apresentam uma distribuição equiparada, de maneira geral, com diferenças mais marcadas para radicais específicos – por exemplo, gol-aç-ão (mais de 100 ocorrências) *versus* gol-zão-zaç-o (0 ocorrências); beij-aç-ão (35 ocorrências) *versus* beij-ão-zaç-o (52 ocorrências). Em alguns casos,

como em (20a), a escolha do autor do tweet por uma das ordens se torna mais explícita: no caso em questão, ele/ela apresenta as formas “beijaço” e “beijão”, mas opta apenas por “beijãozaço” como forma recursiva.

Nesse ponto, consideramos essencial agradecer um/a parecerista anônimo/a por nos chamar a atenção para esse ponto. Conforme aponta ele/a, há bloqueios que acontecem em função de outras sequências existentes na língua, sendo que, no caso dos aumentativos, o bloqueio é de cunho morfológico: a sequência “aço” + “ão” resultaria em palavras terminadas por “ação”, sequência coincidente com o sufixo nominalizador mais produtivo da língua – por exemplo, realizar > realiza**ção**. De fato, uma busca rápida no X nos permite perceber que as formas “beijação” e “jogação”, por exemplo, aparecem em abundância no *corpus* investigado com o significado criado pelo uso do nominalizador –(a)ção (algo como ‘ação repetida de beijar/jogar’), apesar de haver algumas ocorrências de formas nas quais a sequência -ação é a junção entre dois sufixos avaliativos: -aç e -ão (para beij-aç-ão foram encontradas 35 ocorrências e para jog-aç-ão foram encontradas 55 ocorrências).¹⁰

O que merece destaque aqui é que, apesar de haver homofonia entre o sufixo nominalizador –(a)ção e a sequência de sufixos avaliativos [-aç + -ão], esta última sequência não é categoricamente bloqueada pela existência do primeiro. Isso fica evidenciado pela quantidade de dados encontrados em que a leitura é antes de avaliação e intensificação do que de evento repetido. Todavia, há de se considerar o caso do radical nominal GOL, por exemplo, que forma gola-aç-ão produtivamente (mais de 100 ocorrências), ainda mais quando comparado ao número mais reduzido de ocorrências de gol-zão-zaço (29 ocorrências); nesse caso, poderíamos levantar a hipótese de que a primeira forma é preferida pelos falantes justamente porque não existe uma contraparte homófona na qual a sequência –(a)ção cumpre a função do nominalizador.

¹⁰ É importante ressaltar que, para a coleta dos dados que são inequivocadamente avaliativos, utilizamos a ferramenta de pesquisa avançada fornecida pelo X de forma a filtrar os dados, desconsiderando aqueles que são formados pelo nominalizador –(a)ção. Para isso, nos valem da questão do gênero como critério de busca, uma vez que, por exemplo, “beijação” (leitura avaliativa de beijo) porta gênero masculino (e, portanto, é acompanhada por elementos como “um” e “o”), enquanto “beijação” (‘ação repetida de beijar’) é, geralmente, acompanhada por elementos femininos como “uma” e “a”. Alguns exemplos para tornar essa seleção mais clara: 1. Beijação (leitura avaliativa de “beijo”): “Aline metendo um **beijação** na boca da Day em pleno ao vivo. Na frente de Galisteu!” (Disponível em: <https://x.com/lesbikamimimi/status/1448481288047009793>); 2. Beijação (‘ação repetida de beijar’): “era uma **beijação** lgbt naquela praia kkkkkkkkkk foi ótimo! mas eu mesmo fiquei em choque, porque não tô acostumado, em plena luz do dia, geral como se nada tivesse acontecendo (e assim que deveria ser)” (Disponível em: <https://x.com/rodrigodesaoli/status/1826458284531875912>).

Por fim, o que essa reavaliação do cenário nos permite observar é que, para os aumentativos, não há um comportamento categórico em ambientes recursivos, de forma que o/a falante pode selecionar uma entre duas ordens possíveis: [-(-z)aç + -(z)ão] e [-(-z)ão + -(z)aç]. Ao selecionar a primeira, ele/a opta pela ordem na qual o sufixo mais canônico de aumentativo -(z)ão se encontra na posição mais externa da estrutura, ainda que isso leve à utilização de uma sequência homófona a um sufixo nominalizador da língua – conforme veremos a seguir, a utilização do sufixo mais canônico na posição mais externa também acontece para o diminutivo no PB. Ao selecionar a segunda, o falante desfaz a homofonia sob o custo de utilizar uma exponência de aumentativo menos produtiva e mais semanticamente especializada na posição mais externa da construção recursiva. De toda maneira, isso parece nos mostrar que a noção de bloqueio – assim como o OCP, sobre o qual comentamos anteriormente – não é categórica e é sistematicamente violada em vários dados. Por ora, não discutimos em detalhes as hipóteses que levantamos aqui, mas voltaremos a elas em trabalhos subsequentes.

4.2.2.2 Sufixos geralmente considerados como diminutivos

a) [[[RADICAL] -ec₁] + -ec₂]

O único exemplo que encontramos no X foi “eita **jornalecoeco!**” (Disponível em: <https://x.com/helainemmm/status/1397406493482303491>). Para os demais radicais, não foram encontradas formas recursivas nas quais o sufixo -ec ocupa as duas posições, apesar de formas com apenas um avaliativo - e sendo esse avaliativo o próprio -ec – terem sido encontradas para tais radicais (por exemplo, *turm-ec-a* e *jornal-ec-o*). Portanto, podemos concluir que o sufixo -ec não permite a sua ocorrência nas duas posições das construções avaliativas recursivas ao mesmo tempo.

b) [[RADICAL] -uch₁] + -uch₂]

Em (28), apresentamos os únicos dados encontrados com a sequência [-uch + -uch], sendo que, para os demais radicais, não foram encontrados dados no X - por exemplo, não encontramos dados como *livr-ux-o-ux-o* e *menin-ux-a-ux-a* - aqui, consideramos as várias formas de grafia possíveis: *livrozuxouxo*, *livrozuchoucho*, *livrozuxozuxo*, *livrozuchozucho*, *livruxouxo*, *livruchoucho*, *livruxozuxo* e *livrouchozucho*. Portanto, podemos concluir que, assim como acontece para o -ec, não encontramos dados que apontem para uma utilização produtiva do molde [-uch + -uch]. Na

verdade, o -uch parece se concatenar mais produtivamente a adjetivos, sendo que, também com adjetivos, ele não é produtivo em casos nos quais ele funciona como os dois expoentes de avaliativo escolhidos.

(28)

a. fof-o > fof-uch-o > fof-uch-uch-o (10 ocorrências)

“IMAGINA SE VC VAI NADAR NA PISCINA DA CASA DELE JUNTO COM O FILHO DELE AQUELE **FOFUXOXO**”

(Disponível em: <https://x.com/miaueissoai/status/402484442679087104>)

b. fof-a > fof-uch-a > fof-uch-uch-a (10 ocorrências)

“fui ver meu migu lindo hj, sou uma **fofuxuxa** mesmoooo”

(Disponível em: <https://x.com/espindolathayss/status/413479731359518720>)

c. lind-a > lind-ux-a > lind-ux-ux-a (11 ocorrências)

“farei uma salada de futras **linduxuxa**”

(Disponível em: https://x.com/_gigim/status/233672610196635649)

c) [[RADICAL] -(z)inh₁] + -(z)inh₂]

Em oposição aos expoentes anteriores, a recursividade do expoente -(z)inh é bastante produtiva no PB. Para radicais nominais temáticos masculinos, representados por (29a), encontramos os seguintes resultados: tim-e > tim-inh-o > tim-inh-o-zinh-o (mais de 100 ocorrências), livr-o > livr-inh-o > livr-inh-o-zinh-o (48 ocorrências) e film-e > film-inh-o > film-inh-o-zinh-o (mais de 100 ocorrências). Já para radicais nominais temáticos femininos, representados por (29b), encontramos os seguintes resultados: fest-a > fest-inh-a > fest-inh-a-zinh-a (mais de 100 ocorrências) e turm-a > turm-inh-a > turm-inh-a-zinh-a (11 ocorrências). Por fim, para os radicais atemáticos, representados por (29c), encontramos os seguintes resultados: jornal > jornal-inh-o > jornal-inh-o-zinh-o (1 ocorrência), casal > casal-zinh-o > casal-zinh-o-zinh-o (3 ocorrências) e gol > gol-zinh-o > gol-zinh-o-zinh-o (25 ocorrências). Observando-se o comportamento de radicais nominais de gênero variável, como MENIN, e de radicais adjetivais de gênero variável, como FOF, podemos perceber que ambos os tipos de radical aceitam, de maneira produtiva, estruturas avaliativas recursivas com os expoentes [-(z)inh + -(z)inh].

(29)

a. film-e > film-inh-o > film-inh-o-zinh-o (mais de 100 ocorrências)

“só acho incrível não se falar mais em Licorice Pizza nessa reta final do Oscar; achei o filme F.O.D.A.!!! e CODA é **filminhozinho** sessão datarde sim..”

(Disponível em: <https://x.com/artbyalex33/status/1505566006021926913>)

b. fest-a > fest-inh-a > fest-inh-a-zinh-a (mais de 100 ocorrências)

“eu fiz uma **festinhazinha** (minúscula msm) pra comemorar q iamós mudar e planejava fazer o casamento dps...”

(Disponível em: <https://x.com/biazmbm/status/1637888195768492034>)

c. gol > gol-zinh-o > golz-inh-o-zinh-o (25 ocorrências)

“Só fiz um **golzinho** de fora da área, e to todo dolorido slc”

(Disponível em: <https://x.com/xdacjx/status/1162876377831485440>)

d) [[RADICAL] -ec₁] + -(z)inh₂] *versus* [[RADICAL] -(z)inh₁] + -ec₂]

Quando consideramos os casos em que o sufixo -ec ocupa a primeira posição e o sufixo -(z)inh ocupa a segunda posição em um ambiente avaliativo recursivo, podemos perceber que o sufixo -ec obrigatoriamente ocupa a primeira posição avaliativa da estrutura, sendo, portanto, o sufixo -(z)inh o sufixo mais externo em todos os casos. Isso fica visível, por exemplo, quando comparamos a quantidade de ocorrências de formas como tim-equ-inh-o e jornal-equ-inh-o¹¹, que aparecem, ambos, mais de 100 vezes em tweets do X, com a quantidade de ocorrências de formas como tim-inh-ec-o e jornal-zinh-ec-o, que não aparecem nenhuma vez no X. Em (30), trazemos alguns exemplos retirados do X.

Além dessa oposição, podemos citar: jornal-equ-inh-o (mais de 100 ocorrências) *versus* jornal-zinh-ec-o (0 ocorrências), fof-equ-inh-a (7 ocorrências) *versus* fof-inh-ec-a (1 ocorrência), fest-equ-inh-a (5 ocorrências) *versus* fest-inh-ec-a (0 ocorrências), tim-equ-inh-o (mais de 100

¹¹ Segundo um/a parecerista anônimo/a, “alguns dos resultados encontrados parecem ser reflexo de restrições fonológicas do sistema do PB. Além de evitação de sequências similares salientes (exemplo: “onazona”), há bloqueios que acontecem em função de outras sequências existentes na língua. No caso dos diminutivos, isso pode ser visto na baixa frequência de “jornal-eco-zinho”, em que o final “cuzinho” é evitado por razões pragmáticas”. Todavia, a forma em questão, jornal-ec-o-zinh-o, aparece mais de 100 vezes no *corpus* analisado: por exemplo, “e tu como vamos se referir a você? o **jornalecozinho** flopado? Ou o publicador de fake News? Escolha querido” (Disponível em: <https://x.com/AianaAraujo10/status/1792219654485659871>). Aqui, nosso intuito era o de contrapor a frequência de uso da ordem [-ec + -(z)inh] e de [-(z)inh + -ec], apontando para a preferência pela primeira. Mais uma vez, esse comportamento aponta para a violabilidade do critério de bloqueio de sequências homófonas a outras sequências da língua.

ocorrências) *versus* tim-inh-ec-o (0 ocorrências), amor-equ-inh-o (mais de 100 ocorrências) *versus* amor-zinh-ec-o (0 ocorrências), fof-equ-inh-o (3 ocorrências) *versus* fof-inh-ec-o (0 ocorrências), livr-equ-inh-o (9 ocorrências) *versus* livr-inh-ec-o (0 ocorrências), film-equ-inh-o (87 ocorrências) *versus* film-inh-ec-o (0 ocorrências), turm-equ-inh-a (1 ocorrência) *versus* turm-inh-ec-a (0 ocorrências) e temp-equ-inh-o (1 ocorrência) *versus* temp-inh-ec-o (0 ocorrências). Todas elas apontam para o mesmo resultado: a ordem [-ec + -(z)inh] é a preferida em todos os casos.

(30)

a. tim-e > tim-ec-o > tim-equ-inh-o (mais de 100 ocorrências)

“não sei oq é pior, o panthers ter ganhado ou a gnt perdendo pra um **timequinho** desses”

(Disponível em: <https://x.com/liznysd/status/1805519144235807196>)

b. jornal > jornal-ec-o > jornal-equ-inh-o (mais de 100 ocorrências)

“Essa maluca do **jornalequinho** dos bolsominios quando a PF bater na porta se CAGA toda”

(Disponível em: <https://x.com/LendaCatarina/status/1702406387085500444>)

e) [[RADICAL] -uch₁] + -(z)inh₂] *versus* [[RADICAL] -(z)inh₁] + -uch₂]

Assim como acontece para o -ec, podemos ver que o sufixo -uch aparece mais produtivamente na primeira posição e o sufixo -(z)inh na segunda posição. Isso fica visível quando consideramos a diferença em termos de número de ocorrências entre as duas possibilidades de ordenamento: por exemplo, a forma fof-uch-inh-a aparece mais de 100 vezes no X, enquanto a forma fof-inh-uch-a aparece apenas 14 vezes no X, algo que se confirma também para as formas de masculino das formas. Além dessa oposição, também observamos as seguintes oposições: livr-uch-inh-o (1 ocorrência) *versus* livr-inh-uch-o (0 ocorrências), film-uch-inh-o (10 ocorrências) *versus* film-inh-uch-o (0 ocorrências), fest-uch-inh-a (18 ocorrências) *versus* fest-inh-uch-a (0 ocorrências) e amor-zuch-inh-o (4 ocorrências) *versus* amor-zinh-uch-o (0 ocorrências).

Um ponto importante a se considerar aqui é que o sufixo -uch, apesar de também se concatenar a radicais nominais, concatena-se mais produtivamente a radicais adjetivais e isso fica ainda mais evidente nos contextos de recursividade. Por conta disso, analisamos casos de radicais adjetivais variáveis, como FOF, e pudemos observar que há um comportamento bastante semelhante entre eles em relação à interação com o valor de gênero da palavra resultante: por

exemplo, com o radical FOF: fof-uch-inh-a (mais de 100 ocorrências) *versus* fof-inh-uch-a (14 ocorrências) e fof-uch-inh-o (mais de 100 ocorrências) *versus* fof-inh-uch-o (21 ocorrências); e o comportamento com o radical LIND: lind-uch-inh-a (mais de 100 ocorrências) *versus* lind-inh-uch-a (0 ocorrências) e lind-uch-inh-o (mais de 100 ocorrências) *versus* lind-inh-uch-o (0 ocorrências).

Ainda, quando consideramos apenas os casos em que o -uch se concatena a radicais nominais, a tendência é a mesma: o -uch tende a aparecer na primeira posição e o -(z)inh na segunda posição. Não encontramos nenhum exemplo com as formas tim-uch-inh-o, tim-inh-uch-o, jornal-zuch-inh-o, jornal-zinh-uch-o, turm-uch-inh-a e turm-inh-uch-a.

f) [[RADICAL] -ec₁] + -uch₂] *versus* [[RADICAL] -uch₁] + -ec₂]

Com relação às formas em que o -ec aparece antes do -uch, elas aparecem apenas no contexto dos radicais LIND (1 ocorrência), FOF (3 ocorrências) e AMOR (63 ocorrências). Por outro lado, com relação às formas em que -uch aparece antes de -ec, só encontramos casos com o radical FOF (43 ocorrências para o feminino e 53 ocorrências para o masculino). Com base na comparação entre esses resultados, podemos levantar a hipótese de que a ordem [-ec + -uch] é mais selecionada para radicais nominais atemáticos, enquanto a ordem [-uch + -ec] é mais selecionada para radicais adjetivais, o que é esperado dado o fato de que o sufixo avaliativo -uch seleciona preferencialmente radicais adjetivais.

5 Discussão e considerações finais

Nesta seção, retomamos os questionamentos que fizemos no início do trabalho, buscando respondê-los. No que se refere aos valores semânticos, percebemos, tanto no diminutivo quanto no aumentativo, a existência de diferentes dimensões do significado. Os avaliativos podem tanto denotar apenas conteúdo descritivo, quanto apenas conteúdo expressivo ou ambos. No entanto, é mais raro que os avaliativos denotem apenas conteúdo descritivo. Verificamos, ainda que, o diminutivo é mais utilizado em formações de conteúdo puramente expressivo do que o aumentativo, o qual, frequentemente, expressa intensificação. Além disso, percebemos que alguns sufixos (-aç, -uch e -ec) parecem ter se especializado ou estar em vias de especialização para leituras de viés expressivo. No caso de estruturas recursivas, constatamos que o avaliativo em segunda posição reforça o valor avaliativo já introduzido pelo primeiro avaliativo, gerando intensificação, o que se aplica tanto para o conteúdo descritivo, quanto para o conteúdo expressivo dos avaliativos. Verificamos também que tanto diminutivos quanto aumentativos

podem desencadear efeitos pragmáticos, especialmente ironia. No caso dos diminutivos, também se verifica o uso para efeitos de atenuação da força ilocucionária do ato de fala.

Com relação ao fato de, nos contextos recursivos, os sufixos que ocupam as posições mais externas serem aqueles considerados como mais produtivos da língua $-(z)inh$ e $-(z)ão$, podemos observar que parece haver uma diferença comportamental entre diminutivos e aumentativos. No caso dos diminutivos, o sufixo $-(z)inh$ é o mais produtivo - e, na maioria das vezes, o único possível - para ocupar as posições mais externas. No caso dos aumentativos, todavia, o sufixo $-(z)ão$, considerado em muitos estudos como sufixo mais produtivo de aumentativo da língua, é, muitas vezes, suplantado pelo sufixo $-(z)aç$, o qual, em casos de morfologia recursiva na qual não há a repetição do mesmo morfema, aparece consideravelmente na posição mais externa, pelo menos nos dados que analisamos.

Com relação ao segundo ponto, discriminando-se o primeiro expoente de uma dada construção avaliativa recursiva, é possível sim prever qual(is) expoente(s) deve(m) ocupar a segunda posição: nos casos de diminutivo, é sempre a forma $-(z)inh$, sendo que existem alguns casos marcados em que o sufixo $-uch$ ou o sufixo $-ec$ aparecem na última posição - nesses casos, todavia, o $-(z)inh$ não está presente na estrutura; nos casos de aumentativo, a segunda posição pode ser ocupada tanto pelo $-(z)ão$ quanto pelo $-(z)aç$, sem uma preferência mais geral significativa por um deles. Em (31), trazemos uma sistematização desses ordenamentos possíveis.

(31) Ordenamentos possíveis da morfologia avaliativa recursiva do PB

a. Esquema abstrato geral: RADICAL – EVAL₁ – EVAL₂

b. Diminutivos:

EVAL₁ pode ser $-(z)inh$, $-ec$ e $-uch$

EVAL₂ é produtivamente $-(z)inh$ para todos os valores de EVAL₁; algumas ocorrências pontuais de $-ec$ em EVAL₂ caso a posição EVAL₁ seja ocupada por $-uch$ e o RADICAL seja adjetival; algumas ocorrências pontuais de $-uch$ em EVAL₂ caso a posição EVAL₁ seja ocupada por $-ec$ e o RADICAL seja AMOR

c. Aumentativos:

EVAL₁ pode ser $-(z)ão$ e $-(z)aç$

EVAL₂ também pode ser $-(z)ão$ e $-(z)aç$ para todos os valores de EVAL₁ sem uma aparente motivação gramatical para essa escolha

Por fim, com relação aos fatores que regem o ordenamento dos expoentes avaliativos em contextos recursivos, constatamos que, apesar de haver algumas tendências fonológicas - por exemplo, estranhamento de formas em que há sufixos completamente idênticos como jornal-zão-zão - não parece haver um condicionamento unicamente fonológico na determinação das posições que cada sufixo pode ocupar. Aqui, vamos assumir, num primeiro momento, que o ordenamento formal dos afixos avaliativos em contextos de recursivo é dado por uma entre duas opções: a) observação da produtividade de cada um dos sufixos; b) determinação de uma ordem aleatória que é convencionalizada.

Para os diminutivos, levantamos a hipótese de que a questão da produtividade pode ser determinante na escolha da ordem, uma vez que o sufixo mais produtivo de diminutivo, o *-(z)inh*, é aquele que ocupa sempre a posição mais externa. Assumimos essa posição na esteira de trabalhos como Manova e Winternitz (2011), já citados anteriormente, que apontam para a relevância da produtividade na determinação da relação linear entre afixos.¹² Para os aumentativos, assumimos, num primeiro momento, que essa ordem é convencionalizada, visto que ela mostra a existência de duas ordens possíveis: *[-(z)aç + -(z)ão]* e *[-(z)ão + -(z)aç]*. Um ponto que pode nos ajudar na defesa dessa posição é que, no caso dos diminutivos, há uma generalização possível: o *-(z)inh* sempre segue os demais sufixos de diminutivo da língua (isso vale tanto para o *-ec* quanto para o *-uc*, por exemplo); para os aumentativos, por outro lado, é necessário observar em mais detalhes como o *-(z)ão* se comporta em relação a outros sufixos de aumentativo que não sejam o *-(z)aç*.

Por fim, acreditamos que este estudo deve ser ampliado de forma a se considerar novos dados e novos sufixos, além de se assumir uma proposta de análise mais unificada. Nesse sentido, acreditamos que a morfologia avaliativa, em geral, e a morfologia avaliativa recursiva, em específico, podem contribuir para a elaboração de uma proposta teórica acerca de como a morfologia avaliativa recursiva é derivada pela arquitetura da gramática do falante. Nesse

¹² Um/a parecerista anônimo/a questiona: qual o argumento ou a justificativa para supor que a produtividade é um fator relevante para determinar a posição de um sufixo?" Trata-se de uma questão bastante interessante para a qual não temos uma resposta satisfatória no momento. Por ora, consideramos que a produtividade é um fator relevante com base em outros trabalhos, como o de Manova e Winternitz (2011), que apontaram para a relevância desse fator em construções avaliativas recursivas em outras línguas. Além disso, uma outra questão se coloca: por que a produtividade não seria um fator relevante para determinação a posição do sufixo em construções avaliativas? De toda forma, seria interessante investigarmos em trabalhos futuros essa questão mais detalhadamente, olhando, por exemplo, se o *-(z)inh* é o único expoente de diminutivo capaz de veicular de maneira produtiva um significado de intensificação.

contexto, as interações semântico-pragmáticas e morfofonológicas discutidas em detalhes podem ajudar no entendimento de como a avaliação funciona em termos de significado e de forma – a elaboração de uma proposta teórica é parte dos próximos passos desse projeto, o qual ainda se encontra em um estágio inicial de descrição dos dados.

Referências

- ALCÂNTARA, C. As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje* 45(1): 5–15, 2010.
- ARMELIN, P. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma abordagem sintática da formação de palavras*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas, uma versão revisitada. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.
- DRESSLER, W. U.; MERLINI-BARBARESI, L. *Morphopragmatics: Diminutives and Intensifiers in Italian, German and Other Languages*. Berlin: De Gruyter, 1994.
- FORTIN, A. *The Morphology and Semantics of Expressive Affixes*. Tese de doutorado (Doutorado em Filosofia em Linguística) - Universidade de Oxford, Reino Unido, 2011.
- GRANDI, N. The place of evaluation within morphology. In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015, p. 74-90.
- GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. Introduction: why evaluative morphology? In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015, p. 3-20.
- KAPLAN, D. *The Meaning of ‘Ouch’ and ‘Oops’*. Howison Lecture in Philosophy delivered at UC Berkeley. Transcrito por E. Coppock, 2004 [1994].
- MANOVA, S. Ordering restrictions between affixes. In: ACKEMA, P.; BENDJABALLAH, S.; BONET, E.; FÁBREGAS, A. *The Wiley Blackwell Companion to Morphology*, Volume 2. Wiley: 2023.
- MANOVA, S.; ARONOFF, M. Modeling affix order. *Morphology* 20: 109–131, 2010.
- MANOVA, S.; WINTERNITZ, K. Suffix order in double and multiple diminutives: with data from Polish and Bulgarian. *Studies in Polish Linguistics* 6, p. 115-138, 2011.
- MARANGONI JUNIOR, C. Uma análise inicial para os hipocorísticos do português brasileiro: morfologia avaliativa e molde prosódico. *Cadernos do IL, Estudos Linguísticos*, n. 65, p. 1-30, 2022.
- MCCARTHY, J. OCP effects: Geminataion and antigeminataion. *Linguistic Inquiry* 17, p. 207–63, 1986.
- MERLINI BARBARESI, L. Evaluative morphology and pragmatics. In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015, p. 32-42.
- MCCREADY, E. S. *Varieties of conventional implicature*. *Semantics and Pragmatics*, vol. 3, n. 8, p. 1-57, 2010.
- POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics* 33(2): 165–197, p. 91-108, 2006.

SCALISE, S. *Generative morphology*. Dordrecht: Foris, 1984.

SCHER, A. P.; MARANGONI JUNIOR C. Novas evidências em favor de um morfema avaliativo [EVAL]: formas nominais truncadas e blends em português brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 17, p. 4636-4657, 2020.

STUMP, G. How Peculiar is Evaluative Morphology? *Linguistics* 29, p. 1-36, 1993.

ULRICH, C.; SCHWINDT, L. O status morfoprosódico dos sufixos -inho/-zinho, -mente e -íssimo no português brasileiro. *D.E.L.T.A.*, 34.2, p. 769-788, 2018.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquia do Português*. Lisboa: FCT, 2000.

WIERZBICKA, A. Semantic primitives and lexical universals. *Quaderni di Semantica*, 10: 1, p. 103–21, 1989.
